

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ACIDENTE DE TRABALHO PARA
TRABALHADORES DE EMPRESA SIDERÚRGICA**

*Social representations of metallurgical industry workers
concerning work accidents*

MORAES, Ana Beatryce Tedesco¹
MOULIN, Maria das Graças Barbosa²

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi estudar as representações sociais de acidente de trabalho para trabalhadores de uma indústria siderúrgica. Observou-se que tais representações relacionam-se às causas, aos sentimentos e às conseqüências dos acidentes, sendo seus elementos mais significativos a falta de atenção, a tristeza e a perda.

Palavras-chave: Acidente de trabalho; Representações sociais; Saúde do trabalhador.

ABSTRACT

This study investigated the social representations of metallurgical industry workers concerning work accidents. Results indicated that such representations are related to the workers feelings and to the causes and consequences of the accidents, being lack of attention, sadness and loss their most significant elements.

Keywords: Work accident; Social representations; Worker health.

¹ Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo; bolsista da CAPES. E-mail: anabeatryce@hotmail.com.

² Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: mgbmoulin@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma prática transformadora da realidade que possibilita a sobrevivência material e simbólica do ser humano, atuando como um forte componente na constituição de sua identidade em nossa sociedade atual (DEJOURS, 2009; JARDIM, 2001; MOULIN, 2006, 2007; NARDI, 2006; SELIGMANN-SILVA, 2001). O trabalho é entendido por Jardim (2001, p.142) como mediador de vinculação social, que

no nível sociocultural garante subsistência (troca de tempo por dinheiro/salário) e a aquisição do próprio status de ser trabalhador, o reconhecimento pelos pares e pelas figuras da hierarquia, pela comunidade e na sociedade. É a identidade social auferida pelo trabalho. O estatuto de trabalhador/profissional que ainda dignifica o homem.

Em relação às concepções apresentadas por diversos autores sobre o trabalho enquanto categoria central para se pensar a sociedade, Nardi (2006) ressalta que esta não era uma realidade em outras civilizações, como na Grécia Antiga, onde o principal valor social era concedido às artes da filosofia e da política. O trabalho era atividade para escravos, seres indignos do ponto de vista social. De acordo com o autor, “a disseminação da Revolução Industrial e a criação dos estados nacionais no século XIX são os fatores que irão criar as condições de afirmação do trabalho como valor moral no conjunto da população trabalhadora” (JARDIM, 2001, p.26). A partir deste contexto, o homem passa a ser o centro do universo, e o trabalho o instrumento por excelência de transformação da natureza.

O trabalho deve ser compreendido não apenas como forma de suprir as necessidades econômicas, mas como possibilidade de satisfação e reconhecimento social, elementos importantes na constituição da identidade. O trabalho pode ser fonte de identidade positiva, reconhecimento, inserção social e sentimento de pertença social, mas também fonte de exploração, acidentes e até a morte (MOULIN, 2006). Nesse sentido, o acidente de trabalho é um acontecimento indesejado e conflituoso não apenas para a empresa, mas, sobretudo, para o trabalhador, que encontra no trabalho a possibilidade de sobrevivência e de desempenhar outros papéis sociais.

Entender os processos que envolvem o acidente de trabalho não é uma questão apenas acadêmica, mas atualmente têm ocupado lugar de destaque nos processos de gestão organizacional, que buscam estratégias de redução de acidentes de trabalho. Estudar as representações sociais de acidente de trabalho auxilia na compreensão de como esta realidade se relaciona com a prática e como os conhecimentos sobre este tema estão sendo compartilhados pelo grupo, conhecimentos esses que em geral são repassados através de treinamentos, procedimentos, regras e aquisição de experiência profissional. Vejamos então as práticas relacionadas com o acidente de trabalho e algumas produções teóricas neste campo.

O ACIDENTE DE TRABALHO

De acordo com o Decreto-Lei n.º 89.312, de 23 de janeiro de 1984, o “acidente do trabalho é aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que causa a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho”. Segundo este decreto, considera-se acidente de trabalho aquele ocorrido durante e fora do horário de trabalho (como, por exemplo, no trajeto

entre a casa e o trabalho e atividades a serviço da empresa) e as doenças profissionais. Atualmente as empresas demonstram grande preocupação em relação aos acidentes de trabalho, seja pela conscientização de que eles podem ser evitados, seja pelo cumprimento de leis, seja para obtenção de certificações reconhecidas, seja pela pressão social. Com o intuito de eliminar os acidentes de trabalho, promovem ações como: políticas de prevenção, cumprimento da legislação, contratação de profissionais especializados e criação de campanhas de conscientização.

O acidente de trabalho tem sido estudado sob diversas formas, como por investigações baseadas na análise de registros do INSS e declarações de óbito (WALDVOGEL, 1999) e através de registros oficiais da organização internacional do trabalho (MACHADO; MINAYO-GOMES, 1994); propostas de análise participativa e coletiva dos acidentes de trabalho (ALVES; OSORIO, 2005), estudo do tipo de casos e controles (LIMA *et al*, 1999) e estudo sobre incidência de acidentes de trabalho a partir de registros do INSS e de resultados do PIB (WUNSCH-FILHO, 1999).

Uma das formas de análise de acidentes que ainda persiste nas empresas brasileiras, a despeito dos avanços nesta área, está ligada à Teoria dos Dominós, elaborada por Heinrich na década de 30, cujos conceitos centrais baseiam-se no ato inseguro e na condição insegura, concepção esta que, em última instância, responsabiliza o próprio trabalhador pelos acidentes. Estes argumentos se sustentam com respaldo no processo de naturalização dos riscos, como se eles fizessem parte do processo de trabalho e fossem naturais e inevitáveis (OLIVEIRA, 2007).

O estudo de Moulin (2006) sobre a produção social dos acidentes de trabalho no setor de rochas ornamentais aborda a naturalização dos acidentes, na qual os trabalhadores, familiares e empresas percebem o acidente como inerente ao trabalho. Contribuem para este processo de naturalização a culpabilização dos trabalhadores e a minimização dos riscos para suportar o trabalho penoso e arriscado na busca da sobrevivência material e na manutenção das questões simbólicas como identidade do trabalhador viril, herói e provedor. Para Freitas (2001), os processos de naturalização e culpabilização dos trabalhadores vítimas de acidentes pelas organizações referem-se a uma tentativa de convencer que os riscos estão sob controle e manter a estabilidade das relações sociais de trabalho, conservando a estrutura de poder interno.

O TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As representações sociais “atuam como guias de interpretação e organização da realidade, fornecendo os elementos para que os sujeitos se posicionem diante dela e definam a natureza de suas ações sobre esta realidade” (ALMEIDA, 2005, p.122). Para Moscovici (2003, p.52), as representações sociais tornam familiar algo não familiar, algo abstrato em concreto, “restauram a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e acontecimentos de tal modo que eles se tornam acessíveis a qualquer um e coincidem com nossos interesses imediatos”. De acordo com a Abordagem Estrutural das representações sociais (ABRIC, 1998, p. 31), a representação social é organizada “em torno de um núcleo central, que se constitui de um ou mais elementos, que dão significado à representação” Os elementos do núcleo central são mais estáveis e mais resistentes às mudanças e têm como funções

conferir sentido e valor aos outros elementos e organizar a representação. O sistema central depende dos contextos histórico, social e ideológico, a partir dos quais se definem valores e normas. Em torno deste núcleo central, estão organizados os elementos periféricos, sendo estes mais acessíveis, cujas funções são tornar a representação mais concreta, contextualizá-la, adaptá-la às evoluções deste contexto e defendê-la de mudanças e alterações. Desta forma, o sistema periférico associa-se mais ao contexto imediato e individual, uma vez que agrega elementos novos que fazem parte do contexto. Ao mesmo tempo em que os elementos periféricos são importantes para o processo de adaptação, protegem os elementos mais estáveis da representação, comportando desta forma contradições.

As representações sociais, enquanto possibilidade de se compreender como a realidade está organizada e que elementos a compõem, têm suscitado interesse de diversas pesquisas relacionadas ao trabalho, como: trabalho penoso; trabalho informal; saúde mental e trabalho feminino; riscos de acidentes e riscos à saúde; abrangendo diferentes categorias profissionais, como motoristas, enfermeiras, domésticas, trabalhadores da construção civil e da indústria química (BERNARDO, 2002; FERNANDES *et al*, 2002; IRIART *et al*, 2008; OLIVEIRA; IRIART, 2008; SATO, 1993).

A pesquisa desenvolvida por Sato (1993, p. 202) com motoristas de ônibus, buscou apreender o significado que esses atribuíam ao trabalho penoso. De acordo com a autora

o trabalho é penoso quando o trabalhador não tem conhecimento, poder e instrumentos para controlar os contextos de trabalho que suscitam vivências de desconforto e desprazer, dadas as características, necessidades e limite subjetivo de cada trabalhador.

Sato pôde constatar, através de observação participante e entrevistas, que os motoristas adotam práticas no dia a dia que funcionam como ações adaptativas com o objetivo de buscar controle e ajustamento sobre o trabalho.

A representação de trabalho para trabalhadores informais da construção civil foi o estudo realizado por Oliveira e Iriart (2008, p. 441) que aponta forte precarização deste setor, desvalorização dos trabalhadores e alto índice de acidentes fatais e não fatais. "O trabalho foi definido pelos trabalhadores como uma dimensão central em suas vidas" e os significados se referiam tanto à função econômica como social. "Entretanto, se a representação do trabalho como entidade ontológica apresentou uma série de elementos positivos, o trabalho realizado na construção civil foi descrito como arriscado, pesado, desvalorizado, discriminado e sem futuro".

Em estudo realizado com trabalhadores de uma usina química, Bernardo (2002, p. 12) verificou que as representações sobre riscos eram diferentes para os operadores da própria empresa e para trabalhadores terceirizados, verificando que tais representações eram influenciadas pelo acesso a informações e pelo grau de autonomia no trabalho, que eram diferentes nestes dois tipos de vínculos com a empresa. Enquanto as representações dos operadores da usina estavam

associadas ao fato de eles se sentirem parte da empresa e de manterem com ela um forte vínculo, as representações dos trabalhadores de empreiteiras se basearam em observações de quem se sente estrangeiro naquele local e que está ali de passagem.

Iriart *et al* (2008, p.165) realizaram um estudo acerca das representações e percepções sobre o trabalho informal e riscos à saúde entre trabalhadores acidentados de duas categorias: domésticas e trabalhadores da construção civil. De acordo com os autores, as duas categorias apontam para desvalorização do trabalho informal e naturalização da exclusão social dos direitos trabalhistas. “Ambos os grupos tenderam a minimizar os riscos de acidentes de trabalho, e não associaram o trabalho informal a maior risco de acidentes ou doenças”.

METODOLOGIA

O objetivo da presente pesquisa foi estudar as representações sociais de acidente de trabalho de trabalhadores de uma indústria siderúrgica e analisar outros fatores, como importância do trabalho, significado de saúde e sentimentos presentes quando sofreram acidentes. Participaram deste estudo 50 trabalhadores do sexo masculino de uma empresa siderúrgica da Grande Vitória, ES. A escolha por sujeitos do sexo masculino se deu em função das atividades neste setor serem predominantemente masculinas. A empresa possui 368 funcionários que fazem parte do quadro efetivo e 214 funcionários de empresas terceirizadas. Foram realizadas quatro visitas à empresa em 2009 e a abordagem dos trabalhadores foi aleatória, no interior da empresa, de acordo com a disponibilidade e consentimento dos participantes, respeitando os aspectos éticos em pesquisa.

A coleta de dados foi realizada utilizando-se questionário, cuja primeira etapa consistiu em associação livre a partir do termo indutor “acidente de trabalho” e na técnica de substituição, na qual se solicita ao participante evocações com o mesmo termo indutor, mas como se ele estivesse respondendo no lugar de outra pessoa: “o que as pessoas em geral pensam quando ouvem a palavra acidente de trabalho?”. De acordo com Abric (2005 p.28), espera-se obter com esta técnica elementos que fazem parte da representação, mas que não aparecem quando o participante responde por ele mesmo e “consiste em diminuir a pressão normativa, reduzindo o nível de implicação do sujeito”. Esta estratégia foi utilizada em razão da cobrança dentro das empresas sobre prevenção de acidente de trabalho e porque, em geral, o trabalhador é responsabilizado pelo evento indesejado. A segunda etapa foi composta por perguntas sobre a importância do trabalho, saúde, riscos e sentimentos relacionados ao acidente de trabalho para aqueles que já se acidentaram. Estas perguntas também foram importantes para subsidiar a análise das evocações.

O *Software Evoc* auxiliou o tratamento dos dados referentes às evocações. Na análise das evocações e das demais respostas do questionário, utilizou-se a análise temática proposta por Bardin (2004), baseada no processo de categorização. A interpretação dos dados fundamentou-se na Teoria das Representações Sociais e foi subsidiada pela revisão bibliográfica sobre Saúde do Trabalhador e acidentes de trabalho. É importante ponderar que os resultados foram apreendidos como indicadores da realidade pesquisada, cujos dados não devem ser generalizados por se tratar de um estudo exploratório, com intuito de compreender as representações sociais sobre acidente de trabalho de um grupo de trabalhadores de uma empresa específica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 50 participantes, 44% faziam parte do quadro efetivo da empresa e 66% eram funcionários de nove empresas terceirizadas diferentes. A idade dos trabalhadores variou entre 19 e 52 anos. Em relação ao tempo de empresa (atual), 34% tem menos de 1 ano, 42% tem de 1 a 9 anos e 24% possuem de 10 a 19 anos de empresa. Mas quanto à experiência profissional na área de siderurgia, apenas 6% possuem menos de 1 ano, 42% possuem de 1 a 9 anos de experiência, 34% de 10 a 19 anos e 18% de 20 a 29 anos de experiência neste setor.

A função em maior número foi a de operador (9), seguida da de mecânico (6), eletricista (5) e coordenador (4). As funções de apoio operacional, ajudante operacional, operador de ponte rolante, soldador, abastecedor de ligas, supervisor e líder foram referidas por dois trabalhadores, cada uma delas, e as funções citadas por apenas um participante foram as de encarregado, maçariqueiro, selecionador de sucata, lubrificador, motorista, analista e engenheiro mecânico.

Quando questionados sobre a exposição a riscos no trabalho, 90% dos participantes disseram que trabalham expostos a riscos, 6% responderam negativamente e 4% que depende do comportamento individual e da proximidade da área. Dentre os participantes que responderam afirmativamente a esta questão, os riscos mais citados foram: calor (48%), carga suspensa (34%), poeira (28%), ruído (22%) e altura (22%).

REPRESENTAÇÕES DE ACIDENTE DE TRABALHO

Os dados na Tabela 1 nos informam sobre as representações de acidente de trabalho apresentadas em dois blocos. O Bloco I contém respostas relativas às evocações de acidentes de trabalho para os participantes e o Bloco II refere-se às evocações dos participantes sobre o que em geral as pessoas pensam sobre acidente de trabalho.

No Bloco I, os elementos que podem tender à centralidade na representação de acidente de trabalho são a falta de atenção, a perda e a tristeza. A periferia mais próxima é composta por referências à família, afastamento, dificuldade, dor, falta de percepção, incapacitado, lesão, medo, negligência, preocupação e treinamento. Os elementos EPI (equipamento de proteção individual), correria, decepção, descuido, insegurança e tristeza integram a periferia mais distante. O Bloco II indica que os elementos culpado, falta de atenção e medo tendem à centralidade da representação. Aparece na periferia mais próxima ato inseguro, curiosidade, descuido, descumprimento de padrão, falta de EPI, perda e tristeza. A periferia mais distante é constituída pelos elementos família e a expressão “o que será feito para evitar”.

Tabela 1 – Representações de acidentes de trabalho para trabalhadores e para "pessoas em geral"

Média da ordem média de evocações						
Média das frequências	Bloco I - Representações para participantes			Bloco II - Representações para "pessoas em geral"		
	< 2,9		≥ 2,9	< 2,8		≥ 2,8
	Termo e Frequência			Termo e Frequência		
≥ 7,0	Falta de atenção	15	Família	7	Culpado	10
	Perda	8			Falta de atenção	9
	Tristeza	15			Medo	6
< 7,0	Afastamento	3	EPI	4	Ato inseguro	3
	Dificuldade	4	Correria	4	Curiosidade	3
	Dor	5	Decepção	5	Descuido	4
	Falta de percepção	4	Descuido	3	Descumprimento de	4
	Incapacitado	4	Insegurança	3	padrão	
	Lesão	5	Tristeza	3	Falta EPI	4
	Medo	4			Perda	4
	Negligência	3			Tristeza	4
	Preocupação	3				
	Treinamento	3				
					Família	4
					O que será feito para	3
					evitar	

Para compreendermos melhor os sentidos atribuídos às evocações, os elementos de ambos os blocos foram categorizados em função das causas, das conseqüências e dos sentimentos em relação ao acidente de trabalho (TABELAS 2 e 3). A tristeza foi o sentimento mais citado e se refere tanto à pessoa que sofreu o acidente – em função do afastamento, por ficar em casa longe dos colegas ou por receber pagamento mais baixo, quanto ao participante em relação ao colega de trabalho.

TABELA 2 – Categorização das evocações sobre acidente de trabalho para os trabalhadores³

Sentimentos	
Tristeza, medo, dor, decepção, insegurança	33,3%
Causas do acidente	
Falta de atenção, falta de percepção, negligência, treinamento, correria, EPI e descuido	34,3%
Conseqüências do acidente	
Perda, afastamento, dificuldade, incapacidade, lesão, preocupação e família	32,4%

O medo refere-se principalmente ao temor de acontecer o acidente e às conseqüências deste, além do receio de perder o emprego. A dor trata do sentimento relacionado ao colega, quando o participante se coloca no lugar do outro. A decepção parece ser com o próprio trabalhador por ter sofrido o acidente e a insegurança é relativa ao fato de poder acontecer o acidente novamente.

A maioria dos elementos apontados pelos participantes como causa dos acidentes indicam que eles ocorreram em função do comportamento do trabalhador, que pode ser traduzido em culpabilização deste diante da sua falta

³ O número total de evocações do primeiro bloco foi 235 e foram citadas 122 palavras diferentes. O percentual é referente ao total de 105 palavras obtidas a partir da utilização do software Evoc, conforme TABELA 1.

de atenção, falta de percepção, negligência e descuido. Os demais elementos que aparecem como causa do acidente são a correria, que se refere ao ritmo intenso de trabalho para atingir as metas de produção, a falta de treinamento e a falta de EPI ou seu uso inadequado. Iriart *et al* (2008, p. 171) apontam que a ideologia presente na culpabilização do trabalhador continua influenciando a visão desse “[...] sobre os acidentes de trabalho e fazendo com que seja duplamente vitimado quando da ocorrência do infortúnio”.

Oliveira (2007) observou, a partir dos discursos dos trabalhadores de uma indústria metalúrgica, que existem nuances que indicam mudanças sutis quanto à concepção de culpabilização desses. O autor identificou confrontos, variações e rupturas nos discursos sobre os acidentes, verificando que embora o trabalhador reconheça e relate condições de trabalho inseguras, acaba atribuindo a causa do acidente aos trabalhadores. Tais nuances também foram observadas neste estudo, pois mesmo que as causas dos acidentes estejam voltadas para aspectos relacionados aos trabalhadores, elementos organizacionais também foram citados – correria, EPI e treinamento, porém de forma menos expressiva.

TABELA 3 – Categorização das evocações sobre acidente de trabalho para as pessoas em geral⁴

Sentimentos	
Tristeza, medo	17,2%
Causas do acidente	
Culpado, falta de atenção, ato inseguro, descuido, descumprimento de padrão e falta de EPI	58,6%
Conseqüências do acidente	
Perda, família, curiosidade e “o que será feito para evitar”	24,2%

Quando comparamos os elementos das categorias do Bloco I com as do Bloco II, evidenciam-se algumas diferenças. O percentual de respostas da categoria “Sentimentos” foi reduzido à metade em comparação ao Bloco I e os elementos da categoria “Causas do acidente” tiveram aumento significativo no Bloco II, indicando que para os trabalhadores, as pessoas em geral se preocupam mais com as causas do acidente.

A representação social dos acidentes de trabalho é norteadada por sentimentos e elementos referentes às suas causas e conseqüências, como apontam ambos os blocos de evocação, mas quando é perguntado ao trabalhador o que “as pessoas em geral pensam sobre o acidente”, a palavra culpado, que antes só aparecia de forma indireta referente à falta de atenção e outros comportamentos do trabalhador, agora aparece explicitamente e na grande maioria das evocações em forma de interrogação: “quem é o culpado?”. Outro elemento que emergiu no Bloco II foi a expressão: “o que será feito para evitar”, que expressa as medidas tomadas pela empresa após a

⁴ O número total de evocações do segundo bloco foi 152 e foram citadas 91 palavras diferentes. O percentual é referente ao total de 58 palavras obtidas a partir da utilização do software Evoc, conforme TABELA 1.

ocorrência de uma acidente para analisar a causa e também com intuito de evitar que eles ocorram novamente.

REPRESENTAÇÕES DE ACIDENTE DE TRABALHO PARA ACIDENTADOS E NÃO ACIDENTADOS

Quando comparamos os resultados obtidos em relação aos participantes que já se acidentaram e não se acidentaram, constatamos que falta de atenção, tristeza e família são elementos comuns em ambos os grupos (TABELA 4). A maior parte das evocações do grupo dos que não se acidentaram referem-se a causas dos acidentes (falta de percepção, correria e descuido) ou a consequências dos acidentes (perda, decepção, dificuldade e lesão). Os elementos que emergiram apenas no grupo dos trabalhadores que já se acidentaram referem-se a consequências dos acidentes, como: afastamento, dor e incapacitado, o que pode ser em decorrência das experiências vividas pelo trabalhador após o acidente, levando a algum tipo de resignificação do objeto pesquisado para este grupo.

Tabela 4 – Representações de acidentes de trabalho para acidentados e não acidentados

		Média da ordem média de evocações			
		Representações para acidentados		Representações para não acidentados	
		< 2,9	≥ 2,9	< 2,9	≥ 2,9
		Termo e Frequência		Termo e Frequência	
Média das frequências	≥ 4,0	Falta de atenção 5	Família 4	Falta de atenção 10	
		Tristeza 7		Perda 6	
< 4,0				Tristeza 8	
		Afastamento 3		Decepção 3	Correria 3
		Dor 3		Dificuldade 3	Descuido 3
		Incapacitado 3		Falta de percepção 3	Família 3
			Lesão 3		
			Medo 3		

IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

Quando questionados se o trabalho era considerado importante em suas vidas, todos os trabalhadores responderam afirmativamente e a maioria indicou se tratar de uma resposta que continha certa obviedade, não só por suas expressões faciais de surpresa pela pergunta, mas também pela utilização de expressões como: “com certeza”, “muito” e “demais”.

SOBREVIVÊNCIA MATERIAL

As respostas desta categoria referem-se à necessidade de trocar a força de trabalho por dinheiro e, a partir dele, conseguir cumprir suas obrigações financeiras, manter a família, alcançar metas e adquirir bens materiais. O conteúdo desta categoria está presente em respostas como: pagar as contas, sobrevivência, sustento próprio e da família, salário e ganha-pão. É importante frisar que a sobrevivência material não diz respeito só ao indivíduo, mas é uma cultura alicerçada no valor da família, pois mais da metade das respostas desta categoria referiu-se à sobrevivência da família ou dependência de outras pessoas, o que expressa valor social de ser provedor.

SOBREVIVÊNCIA SIMBÓLICA

Esta categoria engloba respostas que expressam a importância social do trabalho: dignidade, satisfação e bem estar, realização pessoal e profissional, inserção social, convivência com colegas e valorização, como mostra a fala de um dos trabalhadores: “a gente vale hoje o que tem no bolso” (P29).

A percepção do trabalho como fato social importante na vida dos participantes encontra-se traduzida também nas respostas relativas ao crescimento pessoal, social e profissional, incluindo-se aí a carreira; ao fato do trabalhador gostar de trabalhar, onde o trabalho é visto como fonte de prazer; e por proporcionar aprendizado e conhecimento. As duas categorias apresentadas acima parecem funcionar como o eixo principal da representação da importância do trabalho para o grupo pesquisado, que por sua vez não estão dissociadas, pois, de acordo com as respostas, ter dignidade e reconhecimento social via trabalho, implica cumprir com as obrigações e garantir a própria sobrevivência e da família.

SAÚDE

Segundo Dejours *et al* (1993), as relações que se estabelecem entre o indivíduo e seu trabalho têm efeitos sobre a saúde. Para se compreender estas relações, perguntamos aos próprios trabalhadores o que é ter saúde. As categorias que emergiram a partir das respostas sobre saúde nos fornecem indícios de como esta é representada pelo grupo pesquisado. A saúde, neste contexto, está relacionada a três categorias: hábitos saudáveis, que dependem do trabalhador, bem estar físico e mental, que apontam para saúde como equilíbrio entre diversos aspectos e aptidão para o trabalho.

HÁBITOS SAUDÁVEIS

As respostas dessa categoria expressam hábitos que dependem exclusivamente do trabalhador, como se a saúde fosse resultado apenas de atitudes individuais, não levando em consideração a implicação da organização e das condições de trabalho na sua saúde. Tais respostas versam principalmente sobre hábitos alimentares como: se alimentar bem, na hora certa, de forma controlada e balanceada. As demais respostas referem-se ao fato de dormir bem e na hora certa; praticar exercício, esporte e atividade física; ir ao médico e realizar exames periodicamente, fazendo manutenção preventiva da saúde. Alguns participantes apontaram que estes hábitos são importantes para realização do trabalho e para evitar acidentes. As respostas desta categoria podem refletir as ações da empresa voltadas para que os trabalhadores tenham hábitos saudáveis, através de campanhas e orientações dos próprios profissionais da saúde da empresa, que podem, por sua vez, estar relacionadas ao ideal de saúde divulgado pela mídia.

BEM-ESTAR FÍSICO E MENTAL

Esta categoria expressa uma concepção de saúde que não está restrita ao aspecto físico, mas faz alusão a um equilíbrio entre a mente e o corpo, contendo respostas referentes ao fato de “estar bem” física, mental, espiritual e emocionalmente. Algumas respostas abrangeram o fato de “estar bem” consigo mesmo e com a família. Esta categoria também contém respostas que indicam a possibilidade de realizar atividades sem ter nenhuma restrição, sem depender de ajuda de outros e também apontam para aspectos emocionais como alegria, felicidade, tranquilidade e bom-humor. Algumas respostas indicam que saúde é ausência de problema e não ter vício.

TER CONDIÇÕES DE TRABALHAR

O conjunto de respostas desta categoria expressa questões relacionadas a ter plenas condições de exercer a atividade e se dedicar por inteiro ao trabalho. Algumas destas respostas trazem como conteúdo, além da aptidão física, a possibilidade de trabalhar com prazer, disponibilidade, alegria e felicidade. Da mesma forma, Moulin *et al* (2000/2001, p. 58), em pesquisa realizada no setor de mármore e granito no sul do Espírito Santo, apontam que ter saúde, para os trabalhadores, é estar apto para o trabalho e que “[...] o sentido de saúde está diretamente relacionado ao impedimento ou não do corpo ao trabalho diário”.

SENTIMENTOS DIANTE DO ACIDENTE

Metade dos participantes se envolveu em acidente de trabalho, sendo que 40% desses ocorreram na empresa atual e 60% em empresas anteriores. Os acidentes mais comuns foram prensamento de membro superior e queimadura, relatados por 5 e 4 trabalhadores respectivamente. Ocorreram também 2 acidentes de trajeto e 2 acidentes por queda de objetos. Os demais acidentes descritos pelos participantes foram: furou o pé, foi imprensado, perdeu a ponta do dedo, choque, estiramento de coluna, pancada no tornozelo, viga bateu no dedo e queda. Em relação ao período dos acidentes, três ocorreram em 2009, nove ocorreram entre 2004 e 2008, nove entre 1997 e 2003 e quatro de 1980 a 1988.

Quando questionados sobre o que sentiram ao se acidentarem, a resposta mais expressiva foi o “medo de perder o emprego”. Diante de um acidente, a preocupação do trabalhador é sua permanência no trabalho, já que ele pode ser responsabilizado pelo evento indesejado. As demais respostas sobre sentimentos diante do acidente de trabalho expressam aspectos negativos como: dor, incapacitado e preocupação. Quatro participantes relataram sensações negativas como ruim e horrível em função do afastamento do trabalho. Outros sentimentos descritos pelos trabalhadores foram: tristeza, desânimo, vergonha, raiva, desespero, insatisfação, rejeição, arrependimento e sentimento de vazio.

Dejours (2009, p. 57) também aborda o medo e a apreensão vivenciados pelos trabalhadores, “não tanto medo das consequências físicas de um acidente, mas muito mais das responsabilidades em caso de um acidente ou incidente”. Alguns participantes desta pesquisa relataram o desgaste após o acidente de trabalho por ter que se explicar, descrever diversas vezes o que aconteceu e cumprir com as questões burocráticas.

Os dois trabalhadores que expressaram sentimentos relativos à morte mencionaram que o acidente não foi pior por causa de Deus: “Foi a mão de Deus” (P 8). Também no trabalho de Moulin (2006, p. 101), a religiosidade e a fé foram aspectos identificados como suporte simbólico não só para enfrentar as consequências do acidente, mas também “para lidar com o enfrentamento cotidiano dos riscos percebidos no processo de trabalho”.

CONCLUSÃO

Foi possível analisar no grupo pesquisado que as representações sociais de acidente de trabalho associam-se principalmente às suas causas e aos sentimentos relativos ao evento. As causas dos acidentes apontam, em sua maioria, para a culpabilização do trabalhador, na qual a falta de atenção aparece como elemento principal. Em relação aos sentimentos, a tristeza tende

a ser o elemento central desta representação. As consequências dos acidentes, como lesão e a família, também compõem esta representação, mas constituem-se em seus elementos periféricos. A família está relacionada às consequências do acidente, pois para os participantes, ela é prejudicada e também sofre com a situação.

Foi possível constatar também a importância material e simbólica do trabalho, que emergiu nas respostas, não sendo entendido como uma construção social, mas como algo natural, sem o qual seria impossível sobreviver e fazer parte da sociedade. Neste contexto, a combinação entre a importância do trabalho e a culpabilização do trabalhador diante de um acidente, só poderia resultar em medo. Medo de sofrer suas consequências e de que este fato custe seu vínculo com a empresa e conseqüentemente sua sobrevivência.

O acidente de trabalho é a face mais trágica da saúde do trabalhador, no entanto esta relação não foi evidenciada pelos trabalhadores, como também não foram apontados agravos à saúde em decorrência do trabalho, pelo contrário, para os trabalhadores, a saúde depende exclusivamente de seus hábitos saudáveis, o que pode contribuir para a naturalização dos riscos e dos acidentes. Esperamos que os resultados dessa pesquisa possam contribuir para reflexão no campo científico e também subsidiar a gestão voltada para redução de acidentes de trabalho, resultando em benefícios para o trabalhador.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: Editora AB, 1998, p. 27-38.
- ABRIC, J. C. A zona muda das representações sociais. In: OLIVEIRA, D. C.; CAMPOS, P. H. F. (Org.). **Representações sociais: uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, p. 23-34.
- ALMEIDA, A. M. O. Pesquisa em RS: Proposições teórico-metodológicas. In: SANTOS, M. F.; ALMEIDA, L. M. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Alagoas: UFAL/UFPE, 2005.
- ALVES, C. A.; OSORIO, C. Análise coletiva de acidentes de trabalho: dispositivo de intervenção e formação no trabalho. **Caderno de Psicologia Social do Trabalho**. Ano VIII, p.87-98, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Ed. 70, 2004.
- BERNARDO, M. E. Representações dos trabalhadores sobre os riscos em uma usina química. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. Ano V, p.1-18, 2002.
- BRASIL. Decreto-lei n.º 89.312, de 23 de janeiro de 1984. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 jan. 1984. Consolidação das Leis da Previdência Social, Artigos 161 e 162 do Cap.II do Título V. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1984/89312.htm>> Acesso em: 23 dez. 2009.
- DEJOURS, C. Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. Tradução por: Maria Irene Stocco Betiol (coord.). 10 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009, p.45-65.
- DEJOURS, C.; DESSOURS, D.; DESRLAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**. Ano XXXIII, n.3, p.98-104, mai./jun. 1993.
- FERNANDES, J. D.; FERREIRA, S. L.; ALBERGARIA, A. K.; CONCEIÇÃO, F. M. Saúde mental e trabalho feminino: imagens e representações de enfermeiras. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto. Ano X, n.2, p.199-206 mar./abr.2002.

FREITAS, C. M. A análise de acidente de trabalho em indústrias tendo como referência a organização do trabalho. In: BORGES, L. H.; MOULIN, M. G. B.; ARAÚJO, M. D. **Organização do trabalho e Saúde: múltiplas relações**. Vitória: Editora EDUFES / CCHN, 2001.

IRIART, J. A. B.; OLIVEIRA, R. P.; XAVIER, S. S.; COSTA, A. M. S.; ARAÚJO, G. R.; SANTANA, V. S. Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, Ano XIII, n.1, p.165-174, jan./fev. 2008.

JARDIM, S. R. Trabalho e doença mental. In: BORGES, L. H.; MOULIN, M. G. B.; ARAÚJO, M. D. (Org.). **Organização do trabalho e saúde: múltiplas relações**. Vitória: Editora EDUFES/CCNH, 2001. p. 137-156.

LIMA, R. C.; DALL'AGNOL, V. M. M.; FACCHINI, L. A. E FASSA, A. G. Percepção de exposição a cargas de trabalho e riscos de acidentes em Pelotas, RS (Brasil). **Revista de Saúde Pública**, São Paulo. Ano XXXIII, n.2, p.12-46, abr.1999.

MACHADO, J. M. H.; MINAYO-GOMEZ, C. Acidentes de Trabalho: uma expressão da violência social. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro. Ano X, supl.1, p.74-87, 1994.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

MOULIN, M. G. B. De heróis e de mártires: visões de mundo e acidentes de trabalho no setor de rochas ornamentais. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. Ano X, n.1, p.37-53, jun.2007.

MOULIN, M. G. B. **O lado não polido do mármore e granito: a produção social dos acidentes de trabalho e suas conseqüências no setor de rochas ornamentais no sul do Estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2006. (Tese de Doutorado)

MOULIN, M. G. B., REIS, C. T. R.; WENICHI, G. H. Homens de pedra? Pesquisando o processo de trabalho e saúde na extração e no beneficiamento do mármore: relato de uma experiência. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Ano III/IV, p.47-63, 2000/2001.

NARDI, H. C. O. **Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

OLIVEIRA, F. A persistência da noção de ato inseguro e a construção da culpa: os discursos sobre os acidentes de trabalho em uma indústria metalúrgica. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, Ano XXXII, n.115, p.19-27, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, R. P.; IRIART, J. A. B. Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, Ano XIII, n.3, p.437-445, jul./set.2008.

SATO, L. A representação social do trabalho penoso. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, p. 188-211.

SELIGMANN-SILVA, E. Desemprego e psicopatologia da recessão. In: BORGES, L. H.; MOULIN, M. G. B.; ARAÚJO, M. D. (Org.). **Organização do trabalho e saúde: múltiplas relações**. Vitória: Editora EDUFES/CCNH, 2001. p. 219-254.

WALDVOGEL, B. C. Vidas roubadas no exercício do trabalho. **São Paulo em Perspectiva**, Ano XIII, n.3, p.126-136, set. 1999.

WUNSCH-FILHO, V. Reestruturação produtiva e acidentes de trabalho no Brasil: estrutura e tendências. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro. Ano XV, n.1, p.41-51, jan./mar.1999.